

Entre os meses de setembro e de novembro do ano de 1884, dois artigos na *Longman's Magazine* colocaram em evidência as ideias que Robert Louis Stevenson e Henry James tinham sobre o fazer literário. Stevenson declarou que era impossível, para a arte, representar a vida, e que o artista deveria se concentrar nos sonhos e devaneios do homem comum; enquanto James afirmou que a função da arte era exatamente registrar os aspectos mais relevantes da vida e da experiência humana. A partir daí, ambos receberam rótulos contrários, passando Stevenson a ser visto como um romântico tardio e James como um realista. Todavia, como ambos descobriram a partir da troca de cartas que se seguiu, as divergências eram menos profundas do que se poderia supor. Apesar das diferenças de estilo, suas vivências eram análogas: os dois tiveram rígida educação moral, e viajaram a vida toda, tornando-se cidadãos do mundo. De tanto discutirem sobre literatura, tornaram-se grandes amigos, concluindo que entre suas obras havia, afinal, não só diferenças, como também muitas semelhanças. A partir dessa circunstância apresentada, meu objetivo, nesta pesquisa, é investigar o que há em comum entre esses dois fascinantes universos ficcionais. Para tanto, serão descartados quaisquer rótulos previamente apresentados sobre as obras de Stevenson (o romântico escritor de narrativas de aventura) e James (o esteta). Como lastro teórico-crítico e como fonte de informação conceitual serão analisados exclusivamente as cartas trocadas entre os dois e os artigos e ensaios em que se manifestaram sobre o ato de escrever. Como corpus de aplicação das ideias obtidas serão utilizados os romances *The Wrecker*, de Stevenson, e *The American*, de James. Ao término da experiência, acredito poder demonstrar que ambas as obras trazem marcas de um mesmo momento de mudança de paradigmas estéticos que ocorre quando de sua produção. Ou seja, ambos Stevenson e James podem ser vistos como proto-modernistas.